

JOSÉ SIMEÃO LEAL: na tessitura da história cultural brasileira

JOSE SIMEÃO LEAL: dans la tessiture de l'histoire culturelle brésilienne

**Cecília Alessandra Rimá Dutra¹
Bernardina Maria Juvenal Freire²**

Resumo

Compreender as relações sociais e culturais de José Simeão Leal, tomando como corpus analítico suas correspondências recebidas no período que compreende os anos de 1944 a 1991. Metodologicamente adotou-se uma abordagem descritiva, por vezes comparativa, associada às contribuições da análise de conteúdo na perspectiva bardaniana. Os resultados revelam que José Simeão Leal extrapolou as relações em nível nacional, sobretudo, se considerarmos o desempenho desse intelectual no campo das artes, da cultura e da informação.

Palavras-chave

**JOSÉ SIMEÃO LEAL
CULTURA
INFORMAÇÃO**

1 INTRODUÇÃO

O texto relata os resultados da pesquisa desenvolvida em nosso Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia, realizado na Universidade Federal da Paraíba, e teve como objetivo geral compreender as relações e articulações culturais e artísticas que se estabeleceram no Brasil, no período de 1944 a 1991, a partir do Arquivo Pessoal de José Simeão Leal, mas especificamente a partir das correspondências recebidas por esse intelectual. Por se tratar de um trabalho de cunho histórico, adotou-se como estratégia metodológica uma abordagem descritiva e comparativa, associada às contribuições da análise de conteúdo na perspectiva bardaniana.

2 PASSADOS RECOMPOSTOS: percurso existencial de José Simeão Leal

Tentar compreender como se estabelecem as relações de cultura, a partir do Acervo de Correspondências de José Simeão Leal, torna-se pouco produtivo sem atentar para algumas peculiaridades desse intelectual, razão essa que nos instigou a adentrar no interior de sua vida pessoal, para tentar desenrolar os fios que lhe tecem a vida profissional, e cujos feitos foram necessários a um país em efervescência cultural, marcado por rupturas políticas, assim como o

¹ Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba e Voluntária do NDIHR/UFPB

² Coordenadora do Programa de Patrimônio, Documentação e Memória do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional-NDIHR/UFPB, Professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da UFPB – Campus I e Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Biblioteconomia.

surgimento de veículos de comunicação como o Caderno Cultura, idealizado pelo protagonista desta história.

2.1 BIOGRAFIA - na teia da vida familiar

Simeão Leal, cujos pais foram o senhor Alfredo dos Santos Leal e a senhora Maria de Almeida Leal, nasceu em 13 de novembro de 1908. Era sobrinho do paraibano José Américo de Almeida, ambos naturais da cidade de Areia .

Sua família residia na zona rural, seu irmão, Antônio Simeão Leal, destacou-se como um dos pioneiros no cargo de deputado federal do Estado da Paraíba. Quando a família Leal, anos depois, transferiu-se para João Pessoa, seu pai passou a exercer o cargo de farmacêutico, o que mais tarde influenciou Simeão Leal na escolha pela medicina.

Sua mãe era apaixonada pela leitura e, incentivada pelo irmão, o padre Inácio de Albuquerque, também teve formação em medicina, pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, em 1941. Ainda chegou a atuar no Hospital Santa Isabel, na Santa Casa da Misericórdia e na Polícia Militar, em João Pessoa, e foi membro da Sociedade de Medicina Cirúrgica do Estado da Paraíba.

Contagiado pelo mundo das artes e pela cultura, deixou o exercício da Medicina, assumindo cargos públicos de caráter importantíssimo no eixo nacional e internacional. Simeão Leal foi um verdadeiro disseminador artístico-cultural no meio em que circundava, colaborando com todo o contexto social desse círculo. Teve grande parte de suas vivências na cidade do Rio de Janeiro, sem abandonar suas raízes na cidade de João Pessoa. José Simeão Leal faleceu em 29 de junho de 1996, aos 86 anos, na cidade do Rio de Janeiro, deixando uma lacuna no meio sócio-artístico e cultural, em nível nacional.

A grande inserção artística desse homem aconteceu em torno de 1950, após anos de convivência no âmbito da arte. Os vários cargos públicos exercidos por ele os afastaram algum tempo desse mergulho no fazer artístico. Sua produção artística sofreu várias influências sobre o clássico, inserindo em suas obras colagens, contrastes entre o escuro e as cores fortes, absorvendo, momentos depois, uma fase geométrica com cores claras, sempre configurando a quebra de inúmeras regras acadêmicas e sobressaindo a liberdade de expressão. Ao expor suas obras no ano de 1984, em dezembro, numa Galeria no Rio de Janeiro, recebeu críticas acerca de sua produção por Quirino Campiofiorito e Luís Augusto Crispin , como podemos verificar no texto abaixo:

Escondendo por muito tempo sua veia artística, José Simeão Leal finalmente abriu-se para o público brasileiro. Sabemos de seu sucesso por ocasião da exposição na galeria Sargitário (1981) em Perdenome (Itália); juntamente com o escultor Sérgio Camargo e o desenhista Tunga (CAMPOFIORITO, 1985, p. 7, *apud* DUARTE, 2001, p. 160).

E ainda acrescentando:

Fica no cenário literário brasileiro a imagem de um Simeão Leal que é muito mais que um mecenas, porque o mecenas pode até se dar à pachorra de freqüentar os ambientes literários (...). Mas José Simeão Leal, não diferentemente de um simples mecenas, ele tinha a criatividade porque ele era próprio era um criador, produtor de arte, não era apenas reproduzidor nem simples financiador da obra artística do processo estético em si. A importância que ele tem é de um templário, ele foi sem dúvida nenhuma um mantenedor da ordem estética (CRISPIN, 1985 *apud* DUARTE, 2001, p.160).

Simeão fez parte de um período em que as mudanças sociais e culturais eram uma constante, daí a explicação para tantas idas e vindas. Seu potencial, na criação dinâmica, em vários setores da arte, renderam-lhe positivamente grandes amizades com renomes da cultura brasileira, tendo criado a Bienal de São Paulo e participado de outras, em suas comissões.

Esperamos, ao longo desta pesquisa, despertar o desejo de realizações produtivas escritas sobre José Simeão Leal, partindo da exploração de uma fonte rica de informação no seu arquivo pessoal, contribuindo assim com a memória nacional, que necessita do resgate e da disseminação da informação, utilizando-se dessa fonte, com o afã de contribuir com a construção da história do nosso país.

3 ARTE, CULTURA E INFORMAÇÃO: nos meandros dos bastidores de José Simeão Leal

Neste tópico, pretendemos demonstrar as relações existentes entre a arte, a cultura e a informação, num círculo em que permearam vários fatos construtores da história do mundo, relativizando os acontecimentos. Para isso, referenciaremos o documento como fonte de importantes grandes registros informacionais ao longo dos tempos.

Coli (1987, p. 8) lembra que, através da arte, “certas manifestações da atividade humana, diante das quais nosso sentimento é admirativo, nossa cultura detém uma noção que denomina solidariamente algumas de suas atividades e as privilegia.”

Assim o ser humano transforma-se num contextualizador da arte em sua existência efêmera, através da qual todos os indivíduos participam direta ou indiretamente do fazer, sem haver uma percepção imbuída. “A arte se instala em nosso mundo por meio do aparato cultural [...] com a noção de arte da nossa cultura” (COLI, 1987, p.77).

Muitas formas e fazeres são puras obras de arte, mas não significa dizer que elas serão reconhecidas como tais, por ocasião dos estereótipos inclusos em toda a cultura mundial ou universal. A arte surgiu juntamente com o homem, evoluindo de acordo com suas formas de vida, na sua necessidade de sobrevivência e assim se motivou a criar, a se comunicar. Então esse processo artístico-cultural se iniciou e foi evoluindo, perpassando através dos séculos. Com esse estímulo, o homem passou a exercer livres formas de expressão pelo uso inicial das mãos, do corpo, da mente e de todos os seus sentidos humanos. Com a evolução da arte, surgiram vários conceitos sobre a arte, dentre os quais, podemos citar: “arte é a capacidade criadora humana voltada para o belo” (ROCHA, 1996, p.56).

A partir da leitura analítica de vários conceitos, percebemos que existe uma complexidade na definição do termo arte, pois o conceito considerará o contexto em que a palavra arte estiver inserida, tanto para estudo do rigor ou não, do caráter estético do feito ou expressão. Continuamente, esse processo de envolvimento da arte, como agente produtor de mudanças evolutivas, vai gerando uma gama exponencial de informações durante o desenrolar desses períodos históricos, fazendo insurgir no tempo uma necessidade de se resguardarem os registros de feitos e acontecimentos para a transformação disseminadora das informações de geração para geração, otimizando o canal produtivo de informação imbuído nesses registros e o valor artístico-cultural, perpetuando-os na história da humanidade. “Cultura diz respeito à humanidade, como um todo e, ao mesmo tempo, a cada um dos povos, nações, sociedade e grupos humanos” (SANTOS, 1986, p.8).

Com os referidos estudos, tornou-se evidente que o homem pré-histórico notabilizou suas preocupações de compreender os múltiplos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e vislumbrou suas projeções de futuro. Com a análise do

termo cultura, refletimos sobre os acontecimentos sociais através dos tempos. Entre a diversidade de culturas que se desenvolveram em nosso planeta, constatamos as variações da construção histórica da humanidade.

Bastide (*apud* AYALA, 1995, p. 43) assevera que “Cultura só existe, enquanto é mantida por grupos sociais”. Dessa maneira, a “cultura popular é aquela criada pelo povo e apoiada numa concepção de mundo toda específica e na tradição, mas em permanente reelaboração mediante a redução ao seu contexto das contribuições da cultura [...]”.

A cultura popular é, portanto, uma forma de expressar as condições de existência dos povos e os pontos de vista e os interesses dos grupos sociais. Essa busca de informação se direciona aos registros documentais conservados através dos tempos. Assim, a cultura do labor e a religiosidade foram suscitadas como as primeiras manifestações sociais, iniciando daí a vida em comunidade sob o domínio da religião.

A organização de tais elementos sociais é paulatinamente simbolizada no tempo e no espaço através das artes. Com a comunicação, o homem se comunica com a natureza, consigo mesmo e com os homens descobre sua própria humanidade (MELO, 1981). Assim, surgem características próprias que vão ao longo do tempo relacionar arte, cultura e informação, numa tessitura incomensurável entre si, firmando esse processo no transcórre evolutivo do contexto histórico da humanidade.

Em relação à cultura, podemos enfatizar que, “tendo origem no latim, a palavra cultura, como cultivo da terra, evoluiu posteriormente para áreas do desenvolvimento intelectual num conjunto de conhecimentos adquiridos pelo estudo das civilizações” (ROCHA, 1996, p. 180). Com base nessa compreensão, afirma-se que o princípio da humanidade, a relação entre esses elementos culturais deu início ao processo evolutivo da vida humana, flexibilizando a percepção do homem. Epistemologicamente, o termo cultura derivou-se inicialmente do cultivo da terra, evoluindo gradativamente para inúmeros significados que circundam as mais diversas ciências. Nesses ecos, apresenta-se uma absorção de uma teia de usos das posturas humanas, “[...] a vida só vale a pena ser vivida plenamente quando o produto da ação material e espiritual dos homens constitui um patrimônio coletivo repartido fraternalmente” (MELO, 1981, p. 9).

Como elemento da ciência, a cultura teve sua eclosão, dando-se mais tarde esse processo relativo à informação para a transformação em conhecimento, que se desenrolou durante o ciclo histórico civilizatório, tendo sua maior relevância no Renascimento, com a reconstrução da cultura ocidental.

A informação é uma prática social, que vai resultar em transformações nas estruturas da sociedade, gerando novos conhecimentos. Com a produção da informação, desencadeia-se a disseminação do sentido dos fatos no processo de geração, e a transferência e a recepção vão correr no patamar do contexto cultural inserido.

Na cultura, um processo dinâmico vai permeando valores conjuntos que conferem significado à informação. Assim, vinculam-se às transformações ocorridas com a cultura nessa dinamização dos acontecimentos. Nesse aspecto, consideramos a informação na ótica de Baccega (1998, p. 8): “Consideramos, porém, que a informação não é conhecimento. Poderá até ser um passo importante. Mas o conhecimento implica na crítica sem fragmentações”.

A informação proporciona a influência do conhecimento, contextualizando as condições humanas e utilizando a comunicação como estrutura nesse processo que transcende o tempo e o espaço. Nesse contexto sócio-cultural, a informação deverá ser trabalhada para ser transformada em conhecimento, num desfecho cognitivo para o sujeito. Em sua manifestação criativa, o homem é quem possibilita o vislumbramento do universo, dando suporte à interação dos indivíduos na sociedade, de forma que transformem processualmente a informação em conhecimento, possibilitando a crítica e a análise sob os mais diversos ângulos.

Nesse grande processo de civilização que a humanidade transpõe entre séculos, o homem transformou-se num canal de produção e disseminação da informação, enfatizando questões, dentre as quais podemos citar a saúde, o amor, a existência e a morte, motivando-o na busca por respostas para suas indagações sob as diversas fontes de informações desde as cavernas. Nessa busca, o homem consegue solucionar diversas questões de sua mente, o que o leva a questionar sob variados ângulos para a compreensão e o entendimento do mundo. Assim, esse processo comunicativo entre os seres humanos vai se aperfeiçoando numa ordem hierarquicamente estabelecida pela característica informacional. A comunicação social está condicionada pela realidade sócio-cultural de nossos países e constitui, por sua vez, um dos fatores determinantes que mantém essa realidade (MELO, 1981, p. 14).

Ao observarmos fatos comuns, comparando-os com outras realidades, constatamos que o homem tem a capacidade de percorrer uma trilha, baseando-se no conhecimento através de instrumentos como a comunicação, por onde se observem várias informações, fomentando o conhecimento ao longo do seu alvorecer entre os tempos. Com essa expansão informacional, tal volume entra num florescer demasiado de informações, como a Revolução Industrial, que leva o homem a refletir sobre o descontrole do volume produtivo de informações existentes.

Quanto mais intensa a comunicação, mais rica a interação entre os participantes (MELO, 1981, p. 32). Esse crescimento parte das novas tecnologias emergentes, num advento que só contribui para tais reflexões humanas, quanto ao crescimento na demanda de informações, que fluem circundando o eixo cultural da nossa história.

Comunicação significa a partilha de elementos ou modos de vida e comportamento, por virtude da existência de um conjunto de normas. Do ponto de vista psicológico, comunicação pode ser definida como resposta discriminada ou selecionada a um estímulo [...]. Comunicação não é apenas uma resposta, mas uma relação estabelecida pela transmissão de estímulos e pela provocação de respostas (PIGNATARI, 1994, p. 16).

Com esses estímulos, partimos para as necessidades informacionais do homem acerca de sua evolução num panteon, quebrando as barreiras que insurgem com o tempo. Nessa premissa, observamos que a comunicação é estimulada pelo homem na sociedade, em seu anseio de obter mais informações acerca do seu processo evolutivo e de sobrevivência, desencadeando a disseminação da informação processada em conhecimento sobre características da arte e da cultura de toda sociedade.

A reconstituição dos fatos só se faz às custas dos documentos, únicos elementos que daqueles restaram e que sobre os mesmos nos fornecem informação. Isto porque os fatos são efêmeros, passageiros ou mesmo fugazes, ainda que deles resultem conseqüências (VALENTE, 1978, p. 178).

Resgatar, através dos registros documentais, informações adequadas à reconstrução de nossa personalidade cultural/social e histórica, é um processo existencial para o homem que busca sempre descobrir e disseminar tais informações que ocasionaram o conhecimento. “Porque nada supera os documentos originais, onde não há documentos não há história” (VALENTE, 1978, p.186).

Mesmo com todo o avanço tecnológico, ainda se faz extremamente necessária a conservação e preservação dos documentos originais pelo seu valor histórico, informacional e o poder de verificação da veracidade de tais suportes documentais, únicos testemunhos do fluir histórico, pois o documento, para o pesquisador, é um elemento de suporte da informação necessária ao estudo.

O homem nunca está apenas no presente, sem deixar de ser pleno ou integral. Se apenas se liga no passado, torna-se arcaico. Se apenas procura viver no futuro, torna-se utópico (FREYRE *apud* ANDRADE, 2000, p. 195).

Enfim, podemos caracterizar o homem como um ser social em busca de integrar-se através de suas descobertas informacionais, veiculando no tempo os fatos e acontecimentos da sociedade e da cultura. “O tempo social é sempre um encontro desses três tempos num só, com ora um ora outro, dentre eles, mais dominante, embora nunca exclusivo” (FREYRE, *apud* ANDRADE, 2000 p. 195). Assim, o homem busca concatenar, absorvendo as informações em nossa sociedade, desde os primórdios até os dias atuais, ora priorizando certas épocas, mas nunca elegendo um contexto da cultura universal.

O homem, como ser social, com suas produções artísticas na cultura, vai, ao longo do tempo, revelando-nos informações necessárias à subsistência da humanidade para formulação dos conhecimentos humanos, na evolução entre os tempos, e como tal desfecho poderá acarretar em acontecimentos e fazeres futuros.

4 ARTE E CULTURA: na teia das relações de José Simeão Leal

Para analisar as relações culturais e artísticas de José Simeão, no período de 1944 a 1991, é inevitável enveredar pelo caminho da política, num período em que o cenário nacional apontava para inúmeros processos de rupturas, de censuras e de repressão. Nesse sentido, pode-se retornar no tempo e localizar o Brasil no âmbito do poder. Todavia nos limitaremos ao campo político, de onde originariamente emanam e se estabelecem as relações de cultura, como veremos a partir do estabelecimento do Estado Novo e suas conseqüências. E isso basta para entendermos as relações que foram estabelecidas, pelo menos no nível em que se apresenta este estudo.

4.1 JOSÉ SIMEÃO LEAL: na teia do poder...

Se quisermos compreender as relações culturais no Brasil, é primeiramente necessário localizá-lo no panorama político e cultural. Para isso, é fundamental abrir um parêntese para recordar algumas passagens que foram configuradas no cenário político as quais, muitas vezes, não permitiram o alargamento cultural em nome de uma falsa segurança nacional. Por outro lado, percebemos que, mesmo em meio a tantas efervescências, a responsabilidade dos intelectuais parecia aflorar e tornar possível, através de algumas estratégias, a exemplo do Caderno de Cultura, para manter vivas as relações e manifestações culturais.

Os governos estabeleceram suas forças, “tudo parecia ter voltado à normalidade, após a eleição de Júlio Prestes. Mas os oposicionistas conspiravam para impedi-lo de tomar posse. O assassinato de João Pessoa provocou uma comoção nacional (SCHMIDT, 1999, p. 143). Com esses acontecimentos, em meados de 1930, a tensão política aflorou no país e, com o domínio de Getúlio Vargas, as velhas oligarquias lutavam para recuperar a República Velha. Essas forças revolucionárias dominaram rapidamente o Rio Grande do Sul, Minas Gerais, a Paraíba e, posteriormente, todo o Nordeste. “A junta pacificadora entrega o poder a Getúlio Vargas e encerra-se a República Velha” (DUARTE, 2001, p. 126).

Com a posse de Getúlio, inicia-se o Estado Novo com um ideal nacionalista, cooptando grande parte dos intelectuais do país, numa atmosfera de fascínio pela

possibilidade de expressar-se e relacionar-se com o poder e conduzir suas criações revelando-as à sociedade.

Segundo Schmidt (1999, p. 147), “A imprensa estava totalmente censurada, ninguém podia criticar o governo. As greves foram proibidas. Os sindicatos, controlados pelo Estado. As prisões, cheias de inimigos do regime”. Com essa realidade vivenciada pela imprensa por essa repressão, foram criados órgãos específicos, na perseguição, como o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), tendo definido até os assuntos a serem de expressa proibição. Nessa época, os intelectuais eram fadados a influenciar a população brasileira a apoiar o governo, portanto entendemos que os mesmos ainda conseguiram, nesse meio social, absorver uma nova carga de conhecimentos. Em meio a essa repressão, surgiram as frestas, como no fim do estado novo, que possibilitavam à imprensa e aos intelectuais uma melhor abertura para poderem se expressar, como podemos observar em Duarte (2001, p. 131): “A censura à imprensa foi abrandada e assim começaram a aparecer os primeiros artigos criticando o governo”.

Após a segunda Guerra, até meados de 1964, o Brasil conviveu com um período democrático, em que os presidentes foram eleitos com voto direto e secreto. Também, nessa década de 60, seguiam-se vários acontecimentos com uma intensidade nada vista na história, com a participação dos jovens, grandes mudanças na tecnologia, na moda, na economia, na cultura e na situação política internacional.

De 1964 a 1985 o Brasil viveu a ditadura militar. O povo não escolhia os presidentes nem os governadores e o Congresso Nacional não podia controlar os generais presidentes. Os sindicatos, as universidades e os jornais eram vigiados pela polícia (SCHMIDT, 1999, p. 272).

Mesmo com todo aparato, o intelectual José Simeão Leal conseguiu produzir excelente papel junto à cultura nacional, já que era reconhecido por especialistas no contexto desenvolvido pelos intelectuais da época. A resistência ao regime ditatorial era uma constante, com passeatas estudantis, guerrilha urbana e rural (1968-1974), mobilização da sociedade civil, a saber: estudantes, operários, jornalistas, advogados, professores e artistas.

A campanha pelas diretas já, em 1984, foi o maior movimento popular de toda a história do Brasil, mas a vontade popular fracassou mais uma vez, tendo como Presidente Tancredo Neves, que faleceu antes de assumir, deixando o seu legado para José Sarney, marcando efetivamente a transição final da ditadura para a democracia, dando à sociedade a possibilidade de crescimento no eixo político, cultural e social. Mas, com a eleição direta do presidente Fernando Collor de Mello, tivemos um período de corrupção e sufoco econômico, que resultou no seu afastamento, favorecido pela democracia.

4.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS CARTAS RECEBIDAS

Percebemos, durante o levantamento das correspondências, a incidência de um maior número de documentos recebidos. Então descobrimos com a pesquisa que José Simeão Leal não cultivava o hábito de responder às suas cartas, embora atendesse aos inúmeros e variados pedidos de amigos e conhecidos do círculo que freqüentava.

Diante do observado, constatamos, através de inúmeras leituras das cartas, que o círculo de relações sociais perpassava o nível nacional para o internacional. Verificamos, entre os variados pedidos de exemplares da revista cultura, agradecimentos por avaliação de vários artigos para livros e revistas, convites para organizar salões na Bienal de São Paulo, convites para assumir cargos públicos, entre outros. Vislumbramos o gosto pela pesquisa da cultura local, realizada por Simeão Leal, mesmo sob o olhar dessecante da ditadura que

limitava certas manifestações populares. Essas cartas devem continuar sendo conservadas, com o objetivo de manter viva a memória cultural do país e a possibilidade de disseminar várias informações.

Com esta pesquisa, podem-se descobrir inúmeras situações da sociedade da época, visto que os fatos ocorreram na construção do eixo cultural e artístico do Brasil e que infelizmente não fazem parte da literatura vigente do nosso país e estado.

Finalmente, após explorar tais cartas, podemos concluir que José Simeão Leal conseguiu ultrapassar fronteiras da repressão política e insurgir, participando da história do nosso país, criando, fazendo, estudando e incentivando muitos a participarem do processo criativo que esse contexto cultural proporcionou. Nessas cartas, foi possível averiguar a influência de José Simeão Leal no eixo artístico-cultural do país e o seu grau de intelectualidade pelo nível de comunicação entre tantos baluartes de nossa sociedade. Assim, dos correspondentes, tomamos para análise 143 para levantamento biográfico.

Com a análise, procuramos demonstrar a excelente qualidade literária dos intelectuais brasileiros em seu legado aos povos presentes e futuros. As cartas ajudam na reconstituição de biografias, contam sua história privada e do país, também desvendam a formação e a evolução do estilo de grandes intelectuais. No estudo das cartas, foi respeitada a estrutura da escrita da época.

São Paulo, 03 de julho de 1944

[...] creia que não o esqueci o que conservo a melhor recordação dos bons momentos que passamos juntos, de nossas conversações sobre o folclore paraibano e que sou particularmente agradecido ao senhor por tudo quando fez facilitar meus estudos em João Pessoa (Roger Bastide).

Neste trecho, podemos observar a cumplicidade nas pesquisas regionais, em pleno regime militar, entre José Simeão Leal e o francês Roger Bastide, também sociólogo e antropólogo, que realizou vários estudos sobre raças e o candomblé no Brasil. Essa cumplicidade nos estudos de Roger, na capital paraibana se deve ao fato de Simeão Leal ser um facilitador para suas pesquisas, pois ele também desempenhava estudos nesse contexto cultural do país.

28, de janeiro de 1944

[...] a nova revista impõe-se sobretudo pela riqueza da encadernação-informação viva e atual sobre as grandes correntes do pensamento contemporâneo, nos vários domínios da arte, da ciência, da literatura e da história (Júlio Dantas).

Direcionando sua posição à Revista Cultura, coordenada por Simeão Leal, com dedicação, Júlio Dantas, como os amigos, tinha várias afinidades como a formação em medicina e o exercício de vários cargos públicos. Como escritor, Simeão acompanhava o trabalho de edição produzido na revista e analisava o nível de produtividade para os colaboradores dela e, assim, contribuía com os leitores que procuravam constantemente se atualizar no campo da arte, da ciência, da literatura e da história.

Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1945

Tem presentemente o Dr. José Simeão Leal necessidade de se transferir para o Rio, por motivos da maior relevância. É uma grande perda para meu governo, que dificilmente encontrará quem reúna todas as suas invulgares qualidades (Ruy Carneiro).

Ao alçar os caminhos do seu fazer cultural na cidade do Rio de Janeiro, entre suas relações, pôde contar com a colaboração do então político e amigo, Ruy Carneiro que, no comentário final da carta, expressa reconhecimento pelo desempenho de José Simeão Leal em suas funções públicas.

São Paulo, 29 de agosto de 1945

Estava para mandar-lhe também meu livro sobre minha viagem no Nordeste quando recebi sua carta. Eu mando agora a seu novo endereço (Roger Bastide).

Em raro momento, encontramos um registro em que retrata uma resposta ao correspondente de uma carta anterior. O que atentamos é que Simeão Leal não cultivava o hábito de responder às suas cartas, demonstrando o seu bom relacionamento e edições dos trabalhos produzidos por Roger Bastide, pesquisador que realizou vários estudos sobre raças e o candomblé no Brasil.

Rio de Janeiro, 13 de março de 1949

Como vês, é difícil viver [...] Censura-se porque não se faz, mas também porque se faz. Mandei, por isso, preparar-lhe a remessa de dois números dos “Arquivos, o que não sei se aprovarás (Santa Rosa).

Com este trecho, podemos constatar as dificuldades advindas da época da repressão em relação à liberdade de expressão nos trabalhos editados na revista “Cultura”, sob a observação direta de José Simeão Leal e o auxílio de Tomás Santa Rosa, seu amigo, em vários momentos. Essas edições continham todo um aparato de acordo com o nível de perseguição do regime vigente, seguindo obrigatoriamente as exigências sem que perdesse a qualidade editorial dos trabalhos.

Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1949

Acabo de receber uma carta de Assumpção que pelo interesse do conteúdo venho comunicar-te diz a revista do nosso Simeão está fazendo sucesso. Em Portugal está tudo OK. Aqui na França em breve aparecerão as críticas (Santa Rosa).

Amigo íntimo de Simeão Leal e crítico de arte, Santa Rosa, com entusiasmo, comunica de que maneira circulam as críticas acerca do trabalho realizado à frente da Revista Cultura. Ele aponta o perpasso dos limites do nosso país. Essa expansão, na produção da revista, teve uma colaboração direta dos embaixadores brasileiros em todo o mundo com a divulgação das excelentes edições, como uma resposta positiva à construção dos trabalhos.

São Paulo, 19 de novembro de 1949

Muito obrigado pelo número de “cultura” que apreciei imensamente tanto pelo conteúdo, sempre de primeira ordem, como pela impecável apresentação gráfica [...] (Bardi).

Podemos observar, através dos relatos dos bons trabalhos editados na Revista Cultura, o crescente sucesso nas produções, resultado da parceria de José Simeão Leal e seu fiel amigo, Tomás Santa Rosa, numa parceria entre o professor de arte do livro e do período e do artista gráfico. O esmero pelas publicações, muitas vezes, incorreu em eventuais correções durante o processo realizado nas oficinas, para excelente apresentação gráfica.

16 de junho de 1950

Incluso, estou enviando hoje um recorte de jornal “A Gazeta” do corrente, que se dita diariamente em Vitória, Espírito Santo, o qual referencia seu trabalho [...] à frente da revista Cultura (Jocelyn Guttman Bicho).

Constatamos, em vários trechos das cartas, a preocupação dos admiradores e colaboradores de Simeão Leal em informar-lhe a repercussão do trabalho desempenhado pelo corpo editorial da revista Cultura, sob a administração de Simeão Leal, revelando sua atuação positiva como intelectual da época, num circuito amplamente cerceado pelo sistema político.

Rio de Janeiro, 11 de junho de 1952

Essas edições vão ser da maior utilidade para esta divisão do Ministério da Educação e Saúde [...], no trabalho da difusão cultural do Brasil, onde quer que a língua portuguesa seja entendida (Mário Guimarães).

Pela qualidade da produção, observamos o interesse de poder contar com os exemplares da revista para difusão dos trabalhos e reconhecimento para as edições no Brasil e em outros países. Como Mário Guimarães, muitos outros colaboradores disseminavam os trabalhos advindos das edições da Revista Cultura.

Argentina, 26 de maio de 1950

Você é o diabo mesmo. Escrevi uma carta ou duas. Nada de resposta. Mande-lhe o número 1 da Revista Estudos Musicales e Suplemento Musical. Nenhuma resposta. Agora recebo o padre Serafim Leite, do Portugal, e não do Rio, a seprata do e seu estudo originalmente destinado ao Boletim Latino-Americano de Música. Quer dizer que o número 2 da sua revista saiu faz tempo e nada tenho recebido (...). Peço-lhe de me escrever e de me mandar dois exemplares de número 2 [...] porque tenho comigo toda a minha biblioteca brasileira (Mendonza).

Apesar de atender aos seus inúmeros correspondentes, podemos observar nas cartas as reclamações à espera de respostas, porém o intelectual José Simeão Leal não cultivava esse hábito.

João Pessoa, 29 de agosto de 1952

Se nada trouxe de concreto e objetivo, a culpa não recai naqueles que nos encaminharam, pois nunca poderemos esquecer o empenho e interesse que o ilustre conterrâneo teve para solucionar os nossos problemas com a aquisição de livros para a biblioteca da casa do estudante da Paraíba (Wilson Leite Braga).

Ainda no período estudantil em que estava à frente da casa do estudante da Paraíba, o ex-governador, Wilson Leite Braga, em suas palavras, exprime o esforço de José Simeão Leal em contribuir com a biblioteca da casa do estudante, porém nos parece que transcendem suas possibilidades na ocasião descrita. Mesmo tendo alçado novos caminhos, José Simeão Leal não se esquecia de contribuir com a sua província.

Roma, 09 de março de 1953

[...] que a embaixada do Brasil em Roma, possuindo em sua biblioteca apenas o primeiro número da revista Cultura. [...], solicita-lhe sejam remetidos os números subseqüentes bem como uma coleção de cadernos de cultura. (Jayme Sloan Chermont)

Tomamos tais escritos como prova do crescimento e da abrangência da Revista Cultura, expressão viva de grandes produções literárias do Brasil, em um legado que se perpetuou para a posteridade e até mesmo revelando inúmeros escritores em suas práticas editoriais de variadas regiões do país, desencadeando um processo de amplitude nacional, resultando desse esforço inúmeras publicações nos Cardenos de Cultura e na Revista Cultural.

São Paulo, 25 de novembro de 1953

Aproximando-se a data de abertura da II Bienal de São Paulo e estando a seu cargo a organização da sala especial dedicada à obra de Eliseu Visconti [...], deseja divulgar nos jornais do Rio de Janeiro e São Paulo sua entrevista a propósito da representação do Brasil [...] o significado da próxima Bienal (Hélio Damante).

Com esta carta, podemos constatar várias participações de José Simeão Leal no Cenário cultural. Devido ao seu grau de capacidade intelectual e ao fato de ter um olhar visionário, Hélio Damante, jornalista nesse período, convida-o a uma entrevista para a divulgação da II Bienal de São Paulo. O intelectual Simeão teve a oportunidade de transitar nesse fluir efervescente em várias comissões de organização desses salões de arte.

Rio de Janeiro, 23 de abril de 1959

Faz tempo, o círculo de Arte Vera Janacópulos e tá interessado pela publicação de um livro de autoria de Eurico Nogueira França sobre a vida e a obra da sua vida patrona. Esse livro foi encomendado àquele distinto jornalista pelo próprio círculo de Arte Janacópulos. Já tive oportunidade de falar-lhe sobre este assunto, para pedir-lhe que a impressão do trabalho corresse por conta do Ministério da Educação. Os originais do livro, por aquela ocasião entregues pelo autor, se extraviaram. Reconstituindo agora o trabalho, venho encaminhá-lo ao prezado amigo, rogando-lhe o grande obséquio de considerar de novo a hipótese de encarregar-se do serviço de Documentação, sob sua publicação.

Na expectativa de sua resposta, subscrevo-me com elevada estima e cordial apreço, seu amigo e admirador (Gustavo Capanema).

Apreciando as cartas, podemos averiguar que sempre recebia dos artistas, amigos, políticos e intelectuais pedidos, conselhos, pareceres dos mais variados assuntos, diretamente influenciados pelo exercício do seu cargo no Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Cultura. Esses pedidos variavam em exemplares da Revista Cultura, Cadernos de Cultura, favores pessoais e empregos. Esses empreendimentos proporcionaram ao intelectual José Simeão Leal uma configuração como um produtor de idéias e livros, que beneficiaram a sociedade em geral, numa época em que essas produções eram ínfimas.

Sem data,

Peço por favor entregar ao portador o pacote cor de rosa que deixei aí contém as coleções da saudosa e bem amada Bahia (Carybé).

Sendo renomados desenhistas, Hector Júlio Pari e Bernabo (Carybé) especializaram-se como estrangeiro em retratar em seus desenhos cenas baianas, que certamente figuraram ilustrando os cadernos da Revista Cultura, sendo as mesmas enviadas ao amigo Simeão Leal em mãos.

Sem data,

Acabo de receber e agradeço penhorado a coleção dos “Cadernos de Cultura”, prova provada não só de um bom gosto, mas de seu interesse pela difusão de boas idéias e dos bonés trabalhos.

Na sessão da Academia Brasileira de Letras ante-ontem [...], tive a oportunidade de referir-me à riqueza das edições sob a sua propiciente direção (Antônio Carneio Leão).

Como intelectual e membro da Academia Brasileira de Letras, tecia críticas positivas que reconheciam o esforço e o bom desempenho na direção direta de Simeão Leal, que conseguiu alcançar o reconhecimento em sua atuação à frente de seus cargos públicos exercidos, como difusor de bons trabalhos de ótima qualidade informacional.

São Paulo, 27 de junho de 1961

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V.Sa., que seu nome foi lembrado para integrar o Conselho Consultivo da Enciclopédia da Arte no Brasil, cuja elaboração faz parte dos encargos culturais a serem levados a cabo em 1961 e nos seguintes pela direção e pelo Conselho Técnico do Museu Nacional de Belas Artes (José Roberto Teixeira Leite).

Simeão Leal era lembrado, entre os fazeres culturais do país, pela sua capacidade intelectual e desempenho em suas atividades, em parceria com pessoas que também compactuavam de idéias inovadoras para a construção do legado literário do Brasil.

Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1976

Tenho a satisfação de comunicar-lhe que, na Assembléia de delegados do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, realizada no dia 25 de outubro do corrente ano, para eleição do Conselho Deliberativo V.S^a foi reeleito [...] para prestar novos serviços à entidade e às artes plásticas.

Ligando idéias e leituras, podemos observar que Simeão Leal permeou em vários setores do vasto campo das artes, sendo seu círculo de relações sociais diversificado de pessoas reconhecidas pela história até os nossos dias. Com isso, sentimos a necessidade de enriquecer a literatura vigente, que não divulga sua atuação bastante ativa no eixo cultural e histórico do nosso país.

Salvador, 06 de março de 1988

Sou um dos beneficiários de sua atenção para com autores modestos, quando me acolheu nos seus cadernos de cultura meu breve ensaio “O catolicismo no Brasil em 1955” (Thalles de Azevedo).

Neste trecho, constatamos que Simeão Leal era também um dos incentivadores dos novos talentos da literatura nacional e dispunha de um bom nível de produção em relação à cultura popular do Brasil, da qual era um pesquisador de valores e costumes.

Recife, sem data

Envio-lhe, por mão própria, meu irmão Aguinaldo Jurema, o trabalho de Moacir de Albuquerque, paraibano que exerce a cátedra de literatura no Recife, sobre Bento Teixeira para v. incluir nos seus admiráveis “Cadernos de Cultura” (Aderbal Jurema).

Com esse pedido, ficam claras a cumplicidade e a colaboração entre os amigos no incentivo a bons e novos talentos em atitudes, que se repetiram inúmeras vezes em seu círculo de relações sociais próximas e distantes.

Sem data

É inegável o êxito alcançado, até agora, nos trabalhos de organização da I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo [...] Para que, contudo, se concretizem nossos planos, falta-nos ainda um elemento de decisiva importância. De fato, para o êxito desse empreendimento, na órbita nacional e internacional, a Bienal do Museu de Arte Moderna precisa contar com a sua honra equiescência para poder colocar o nome de V. Excia em seu comitê de honra (Francisco Matarazzo Sobrinho).

Com seu potencial de empresário bem sucedido e incentivador das artes, Francisco Matarazzo soube reconhecer diversas vezes o potencial de José Simeão nas atividades de organização das Bienais em São Paulo, em diversas comissões onde figuravam pessoas de renome, como Tarcila do Amaral e outros.

Com esse estudo analítico, em que citamos alguns trechos das cartas contidas no Fundo Arquivístico de Simeão Leal, só podemos confirmar sua importância e a excelente atuação no cenário artístico cultural do nosso país e em outros, como também sua guinada intelectual do exercício da medicina ao contexto do mundo das artes em momentos de efervescência.

Os estudos nos revelaram também a habilidade de pesquisador e disseminador da cultura local dessa artista, que auxiliou Roger Bastide, numa época efervescente de censura e repressão às manifestações populares da cultura nacionais, acerca dos costumes religiosos e artísticos. Nos seus escritos à frente da Revista Cultural, no período do governo de Getúlio Vargas, ficam evidentes os cuidados aos relances da censura, que sutilmente eram

administrados em favor da cultura. Reconhecemos que sua atuação era respeitada pelo mundo, e isso era suscitado por vários críticos de arte.

Nesse raio alcançado pelos trabalhos da revista, que não foram amplamente divulgados no exterior por embaixadores brasileiros, as cartas apresentam constantes solicitações de exemplares dos trabalhos, dentro e fora do país. Além de tudo isso, o valor das informações contidas nessas cartas desvela várias situações para memória cultural do país, implícitas nos bastidores de nossa sociedade e que apontam várias fontes em seu fundo arquivístico aberto aos pesquisadores, desafiadores do conhecimento científico. Contextualizando a existência e atuação de tais correspondentes de José Simeão Leal, resgatamos biograficamente inúmeros colaboradores que ficaram ao resquício do anonimato no tempo. Com essa engrenagem informacional num raio de atuação do profissional bibliotecário, fica clara a importância de fiar-nos em entender o passado, através de destaques do fazer cultural do nosso país.

Esperamos contribuir com a literatura vigente na divulgação de tal personalidade nacional e a figuração de vários campos de pesquisa, aliados a processos metodológicos no fundo arquivístico de José Simeão Leal.

Se quisermos compreender, profundamente, as relações culturais, precisamos identificar os sujeitos que estiveram envolvidos nessa relação e suas posições, inclusive, para provocar outros estudos que traduzam as correntes e/ou os discursos dos envolvidos frente aos movimentos culturais e artísticos do período estudado. Essa preocupação levou-nos a tentar aspectos biográficos dos sujeitos e suas relações. Evidentemente, procurou-se estabelecer os intercâmbios em grande medida como amigos pessoais, ora como obrigação dos cargos e posições ocupadas, de caráter eminentemente político. No entanto, ao longo dos anos, as relações parecem estreitar-se.

O prestígio de José Simeão Leal, como intelectual, extrapola as relações nacionais, devido ao seu grande desempenho na literatura, estabelecendo padrões na cultura e na arte, exercendo influência sobre seus amigos e colaboradores.

Resumé

Cette étude cherche à comprendre les relations sociales et culturelles de José Simeão Leal, en utilisant comme corpus analytique ses correspondances reçues pendant la période s'étalant de 1944 à 1991. Du point de vue méthodologique, il a été adopté un abordage descriptif, parfois comparatif, associé aux contributions de l'analyse de contenu selon la perspective bardanienne. Les résultats révèlent que José Simeão Leal a extrapolé les relations au niveau national, surtout si nous considérons l'activité de cet intellectuel dans le domaine des arts, de la culture et de l'information.

Mots-clés

JOSE SIMEÃO LEAL
CULTURE
INFORMATION

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Criança é fogo!** 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 39 p.

ANDRADE, Maristela Oliveira de. **Cultura e tradição nordestina**. 2. ed. João Pessoa: Manufatura, 2000. 208 p.

ARAÚJO, Luís Edmundo. Da infância à arquitetura. **Isto É**. São Paulo, n. 216, p. 8-11, 22 set. 2003.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novaes. **Cultura popular no Brasil: perspectivas de análise**. 2. ed. Ática: São Paulo, 1995. 77 p.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem: discursos e ciência**. São Paulo: Moderna, 1998. 127 p.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 1977. 225 p.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. 516 p.

BELLOTO, Heloísa Linberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991. 188p.

BELOTO, Rosa Maria Mijas. **Cartas de amor eternas e ternas**. São Paulo: Cliper, 2001. 111 p.

BEZERRA, Elvira. **Som e fúria**. D. O Leitura. São Paulo, 2003. 35 p.

CITTADINO, Monique A. Política-partidária na Paraíba: 1945/1958. In: _____. **Populismo e o golpe de estado na Paraíba (1954/1964)**. João Pessoa: UFPB/Idea, 1998. p. 25-66.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Nova Cultural, 1986. 109 p.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 131 p.

DOSSE, François. **A história a prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido**. Tradução Ivone Castilho Benetti. São Paulo: UNESP, 2001. 321 p.

DUARTE, Patrício Araújo. **Revista Cultura: modernidade gráfica e informacional**. 2001. 213 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

FALCÃO, Martha. Intervenção “progressista” no espaço. In: _____. **Poder e intervenção estadual na Paraíba 1930-1945**. João Pessoa: UFPB, 2000. p. 162-207.

FEIJÓ, Virgílio de Mello. **Documentação e arquivos: arquivos escolares**. Porto Alegre: Sagra, 1988. 147 p.

FREIRE, Bernardina Maria Juvenal; FERNANDES, Joliza Chagas. **Catálogo da correspondência do arquivo de José Simeão Leal**. João Pessoa. (no prelo)

FREIRE, Madalena et al. **Paixão de aprender**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. 262 p.

FOCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997. 239 p.

GALLIANO, A. Guilherme. **O método científico: teoria e prática**. São Paulo: Habra, 1979. 200p.

GIRON, Luís Antônio. Cartas de Prestes e Olga revelam lado desconhecido do líder comunista rodeado de mulheres. **Época**. São Paulo. n. 242, p. 78-81, fev. 2003.

LEAL, José. **Dicionário Bio Bibliográfico Paraibano**. João Pessoa: Grafset, 1990, 139 p.

LE GOLF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão et al. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996. 553 p.

MARTINS, Ana Luiz. **Aí vai meu coração: as cartas de Tarsila do Amaral e Ana Maria Martins para Luís Martins**. São Paulo: Planeta, 2003. 245 p.

MASSAUD, Moisés; PAES, José Paulo. **Pequeno dicionário de literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1987. 462 p.

MELO, José Marques de. **Comunicação e libertação**. Petrópolis: Vozes, 1981. 80 p.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. **A recepção do vídeo no ensino das artes visuais: a informação estética no contexto escolar**. 1999. 224f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.

O OFÍCIO do historiador. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45, 2003.

PEREIRA, Francisco. Depoimento. [Fev. 2004]. Entrevistador: Cecília Alessandra S. Rimar. João Pessoa, 2004. 60 min. Entrevista concedida para elaboração de capítulo da monografia de graduação.

PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem e comunicação**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1996. 747p.

RODRIGUES, Elinaldo. **A arte e os artistas da Paraíba: perfis jornalísticos**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2001. 314p.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Nova Cultural, 1986. 89 p.

SCHMIDT, Mario Furley. **Nova história crítica**. São Paulo: Nova Geração, 1999. 333p.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1992, 239 p.

VALENTE, José Augusto Vaz. Acerca de documento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia**. Brasília, p. 177-198. jul./dez. 1978.